



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

ALINE FERREIRA DOS SANTOS

A VARIÁVEL (R) EM CODA SILÁBICA EXTERNA NA FALA DE FUNCHAL

RIO DE JANEIRO

2026

Aline Ferreira dos Santos

A VARIÁVEL (R) EM CODA SILÁBICA EXTERNA NA FALA DE FUNCHAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas

Orientadora: Profa. Dra. Danielle Kely Gomes
Coorientadora: Profa. Dra. Silvia Figueiredo
Brandão

Rio de Janeiro

2026

CIP - Catalogação na Publicação

S237v Santos, Aline Ferreira dos
A variável (R) em coda silábica externa na fala de Funchal / Aline Ferreira dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2026.
34 f.

Orientadora: Danielle Kely Gomes.
Coorientadora: Silvia Figueiredo Brandão.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2026.

1. Rótico. 2. Cancelamento. 3. Coda externa. 4. Funchal. 5. Português Europeu. I. Gomes, Danielle Kely, orient. II. Brandão, Silvia Figueiredo, coorient. III. Título.

Dedico este trabalho à minha amada mãe
Valéria (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por não esquecer desse sonho, mesmo que eu já o tivesse esquecido, e por me ajudar a realizá-lo.

Agradeço à minha mãe, que desde sempre me ensinou o valor dos estudos e que mesmo não estando presente fisicamente, foi minha força e minha luz todos os dias para que eu conseguisse chegar aqui.

Também agradeço ao meu marido, Lucas Henrique, por todo o apoio em todas as frentes que envolvem um estudo em tempo integral.

Sou grata aos amigos que fiz durante a graduação, em especial à Luana, que deixou tudo mais leve, acreditando sempre que eu conseguiria, mesmo quando eu não acreditava.

Por fim, agradeço a todos os professores de que tive a honra de ser aluna, principalmente às minhas orientadoras Danielle e Silvia. À Silvia, que também foi minha orientadora de iniciação científica, agradeço por ter me proporcionado a oportunidade de me descobrir como pesquisadora, com confiança e dedicação.

RESUMO

SANTOS, Aline Ferreira dos. **A variável (R) em coda silábica externa na fala de Funchal**. Monografia (graduação em Letras habilitação Português/Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 2026.

Este estudo focaliza o cancelamento do rótico em coda silábica externa na variedade de Funchal, na Ilha da Madeira, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]) e da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972], 1994, 2001). Objetiva-se analisar os fatores linguísticos e sociais que presidem ao cancelamento desse segmento em verbos e não verbos. Partiu-se da hipótese de que a frequência de cancelamento na variedade insular seria mais expressiva do que a observada na Região Metropolitana de Lisboa, em virtude das diferenças sócio-econômico-culturais entre essas comunidades. A análise, realizada com apoio no programa Goldvarb-X, baseou-se em dados selecionados de 18 entrevistas do *Corpus* Concordância, com informantes distribuídos por gênero, três faixas etárias e três níveis de escolaridade. Além das variáveis sociais, foram consideradas sete variáveis estruturais: *modo e ponto de articulação da consoante subsequente, segmento subsequente, contexto antecedente, tonicidade, número de sílabas e classe do vocábulo*. Os resultados demonstram que a regra de cancelamento em Funchal (verbos: 40,3%; não verbos: 27,2%) encontra-se ligeiramente mais avançada do que na Região Metropolitana de Lisboa (verbos: 29,6%; não verbos: 21,5%). Na variedade insular, o cancelamento é condicionado apenas por variáveis estruturais, enquanto na variedade continental atuam variáveis estruturais e sociais nas duas amostras. Em ambas as variedades, o cancelamento é mais frequente entre os verbos e tem como principal desencadeador a presença de consoante no contexto subsequente.

Palavras-chave: rótico; cancelamento; coda externa; Funchal; Português Europeu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Funchal em relação a Lisboa.....	13
Figura 2 – Ilha da Madeira, com a demarcação de Funchal	13
Figura 3 – Índices percentuais de cancelamento de R em coda externa em verbos e não verbos (Funchal e Oeiras)	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variável dependente: cancelamento de R em coda silábica externa em Funchal .	20
Quadro 2 – Variáveis sociais controladas na análise do cancelamento de R em Funchal	21
Quadro 3 – Variáveis estruturais controladas na análise do cancelamento de R em Funchal..	22
Quadro 4 – Ocorrências de abertura de sílaba por inserção de vogal paragógica [i] em Funchal	27
Quadro 5 – Ocorrências de abertura de sílaba por inserção de vogal paragógica [e] em Funchal	27
Quadro 6 – Fatores que condicionam o cancelamento de R em verbos e não verbos (Funchal e Oeiras)	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índices de cancelamento de R em verbos e não verbos em Funchal	24
Tabela 2 – Atuação das variáveis <i>Segmento subsequente</i> e <i>Número de sílabas</i> para o cancelamento de R em verbos em Funchal	25
Tabela 3 – Atuação das variáveis <i>Classe do vocábulo</i> e <i>Ponto de articulação da consoante subsequente</i> para o cancelamento de R em não verbos em Funchal	25
Tabela 4 – Não verbos: Itens lexicais mais frequentes (fator <i>outras classes</i>).....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	ESTUDOS SOBRE O CANCELAMENTO DO R NO PE	10
3	A ÁREA DA PESQUISA	13
3.1	ASPECTOS SOCIAIS.....	14
3.2	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS.....	15
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
5	METODOLOGIA.....	20
5.1	<i>CORPUS</i>	20
5.2	VARIÁVEIS CONTROLADAS	20
5.2.1	Variável dependente	20
5.2.2	Variáveis independentes	21
5.2.2.1	<i>Sociais</i>	21
5.2.2.2	<i>Estruturais</i>	21
6	ANÁLISE DOS DADOS	24
6.1	RESULTADOS GERAIS.....	24
6.2	CANCELAMENTO DE R EM VERBOS	24
6.3	CANCELAMENTO DE R EM NÃO VERBOS.....	25
6.4	RESSILABIFICAÇÃO DO R.....	26
7	BREVE ANÁLISE COMPARATIVA.....	28
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia focaliza o cancelamento do rótico em contexto de coda silábica externa na variedade do Português falada em Funchal, na Ilha da Madeira, e compara os resultados da análise aos obtidos em Oeiras, na Região Metropolitana de Lisboa.

Os róticos são caracterizados como uma “família de sons” (Lindau, 1985, p. 167), pois, embora não apresentem um traço em comum que os caracterize como classe, estão presentes em diferentes línguas e se comportam de forma similar quanto à sua distribuição contextual. Em coda silábica externa (como em *falar*, *mulher*), tendem ao cancelamento, como se verifica no Português do Brasil (doravante PB), sobretudo na classe dos verbos. Nesse contexto, no Português Europeu (doravante PE), há o predomínio do tepe, que constitui a norma de pronúncia dessa variedade (Veloso, 2015, p. 327), sendo o cancelamento pouco produtivo.

A coda é um constituinte frágil no PE, como em grande parte das línguas, especialmente em posição final. No entanto, essa fragilidade não é idêntica para todas as consoantes (no PE padrão: /l/, /r/ e /s/), sendo o /r/ mais propício ao cancelamento. Além desse processo, o /r/ também pode ser ressilabificado em ataque com a inserção de vogal paragógica, formando a sílaba canônica CV (Rodrigues, 2012, p. 147-148).

No PE, ao contrário do PB, ainda são poucos os estudos que abordam o cancelamento de R em coda externa: Brandão; Mota e Cunha (2003), Mateus e Rodrigues (2003), Rodrigues (2005), Serra e Callou (2015), Brandão (2022) e, mais recentemente, Santos (2024). Diante desse cenário, esta pesquisa, ao que tudo indica, pioneira no âmbito da variedade insular, busca contribuir não só para futuros estudos sociolinguísticos sobre as variedades madeirenses, que se destacam pela especificidade e regularidade de alguns dos seus traços (Segura, 2003, p. 186), mas também para a compreensão das relações entre o PE insular e o continental.

Este estudo, desenvolvido de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) e da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972], 1994, 2001), está vinculado ao Projeto *Variedades do Português em Contraste*, coordenado pela Profa. Dra. Silvia Figueiredo Brandão. Tem-se por objetivo analisar os fatores linguísticos e sociais que presidem ao cancelamento do rótico em verbos e não verbos. Parte-se da hipótese de que a frequência de cancelamento na variedade falada em Funchal seria mais expressiva do que a observada em Oeiras, na Região Metropolitana de Lisboa, em virtude das diferenças sócio-econômico-culturais entre essas

comunidades. Para a análise, recorre-se a dados seleccionados de 18 entrevistas realizadas em Funchal, provenientes do *Corpus* Concordância.

Esta monografia se desdobra em oito seções, além desta introdução. Na segunda seção, comentam-se alguns dos estudos que abordam o cancelamento do rótico em coda silábica externa no PE. A terceira seção é dedicada à apresentação da área da pesquisa, considerando aspectos sociais e linguísticos que conferem ao português falado em Funchal e, de modo mais amplo, na Ilha da Madeira, um estatuto singular. Na quarta seção, apresenta-se a fundamentação teórica que norteia esta pesquisa, e, na quinta, descreve-se a metodologia adotada. A sexta seção expõe os resultados da análise e a sétima desenvolve uma breve análise comparativa entre os resultados observados nas variedades insular e continental. Na oitava seção, tecem-se as considerações finais e realiza-se a síntese dos resultados.

2 ESTUDOS SOBRE O CANCELAMENTO DO R NO PE

Como ressaltado, ainda são poucos os estudos que abordam o cancelamento de R em coda externa no PE: Brandão; Mota e Cunha (2003), Mateus e Rodrigues (2003), Rodrigues (2005), Serra e Callou (2015), Brandão (2022) e Santos (2024). Comentam-se, nesta monografia, os estudos desenvolvidos por Mateus e Rodrigues (2003), que verificaram maior tendência ao cancelamento do R quando seguido de consoante, e por Brandão (2022), um dos estudos mais recentes sobre o tema, que focaliza o processo em variedades urbanas do PE, do Português de São Tomé (doravante PST) e do Português de Moçambique (doravante PM), tendo como recorte, no âmbito do PE, a variedade de Cacém, situada na Região Metropolitana de Lisboa.

Mateus e Rodrigues (2003) abordaram o R em coda com base em dois tipos de corpus: o *Corpus REDIP (Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa)*, composto por programas de rádio e de televisão, e o *Corpus CPE-Var (Corpus de Português Europeu-Variação)*, composto por dados de falantes nativos de Lisboa e Braga. Dos 2.328 dados encontrados no *Corpus REDIP*, 13% correspondem ao cancelamento e 87% à concretização. Partindo da hipótese de que o cancelamento poderia ser sensível a fatores morfológicos, os dados de verbos e nomes foram analisados em separado, apresentando resultados idênticos em ambos os casos: 12% de cancelamento. Contudo, a diferença entre verbos e nomes evidencia-se quando se consideram em separado os dados do rádio e da televisão, sendo o cancelamento superior em verbos nos dados da televisão (9%). Constatou-se, além disso, que a frequência de cancelamento no discurso no rádio é maior do que no da televisão. As autoras demonstram que o R tende a ser cancelado quando seguido de consoante obstruente (64%) ou de soante (21%), sendo raramente cancelado quando seguido de vogal e pausa.

Quanto ao *Corpus CPE-Var*, dos 3.500 dados encontrados, 31,3% correspondem ao cancelamento em Lisboa e 33,4%, em Braga. A pequena diferença entre os percentuais das duas cidades levou à conclusão de que o cancelamento é condicionado sobretudo por fatores estruturais/contextuais mais do que por fatores socioculturais, sendo o cancelamento mais elevado em verbos (Lisboa: 33,5% e Braga: 36,3%) do que em não verbos (Lisboa: 25,8% e Braga: 28,1%). Também em dados de fala espontânea, a presença de consoante subsequente favorece mais a não concretização de R do que a presença de vogais ou pausa. Mateus e Rodrigues concluem que, além dos fatores estritamente contextuais (a consoante subsequente)

e da categoria sintática da palavra (verbos), o tipo de registro também condiciona o cancelamento no PE, com percentuais mais elevados, cerca de 15% a mais de cancelamento no *Corpus* CPE-Var do que no *Corpus* REDIP. Nesse sentido, as autoras afirmam a existência de uma escala crescente no grau de formalidade, na qual a entrevista sociolinguística exibe maior espontaneidade, seguida pelo discurso na rádio e, por fim, pela televisão, a mais formal.

O estudo de Brandão (2022) analisa o R em coda externa nas variedades urbanas do PE, do PST e do PM, à luz dos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança. A autora teve como objetivo observar não só os fatores linguísticos e sociais que condicionam o cancelamento desse segmento, mas também verificar divergências e convergências entre as variedades africanas e o PE, sua suposta norma de referência. Na presente monografia, concentram-se, apenas, as análises referentes ao PE realizadas com base em entrevistas integrantes do *Corpus* Concordância (2008-2009), na cidade de Cacém, na Região Metropolitana de Lisboa. Os 18 informantes foram distribuídos por sexo/gênero, três faixas etárias (18-35, 36-55 e 56-70 anos) e três níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior). Na seleção dos dados, levaram-se em conta as ocorrências de R a partir dos primeiros cinco minutos das entrevistas e desconsideraram-se a preposição *por* e expressões muito frequentes e suscetíveis ao cancelamento, como *quer dizer* e *se calhar*. Os dados de verbos e não verbos foram analisados em separado, com o controle de sete variáveis estruturais.

Dos 1.721 dados encontrados no PE/Cacém, 23,2% correspondem ao cancelamento e 76,8% à concretização. No âmbito dos verbos, 23,3% correspondem ao cancelamento (*input* .17) com atuação das variáveis *contexto subsequente*, *nível de escolaridade*, *sexo* e *número de sílabas do vocábulo*. A autora demonstra que a presença da consoante subsequente condiciona o cancelamento (P. R.: .77), enquanto a pausa (P. R.: .22) e a vogal (P. R.: .31) o inibem. Confirmou-se a hipótese de Mateus e Rodrigues (2003), que apontavam as consoantes, sobretudo as obstruintes (oclusivas e fricativas), como principais desencadeadoras do cancelamento. Quanto à variável *nível de escolaridade*, os falantes com nível fundamental (P. R.: .60) tendem mais ao cancelamento e, em relação ao *sexo*, são os homens que mais implementam o processo (P. R.: .57). A última variável selecionada, *número de sílabas do vocábulo*, indica que os vocábulos com uma ou duas sílabas (P. R.: .53) favorecem o cancelamento.

Entre os não verbos, 23% correspondem ao cancelamento (*input* .21) com a atuação da variável *contexto subsequente*, tendo a consoante como o principal condicionador do cancelamento (P. R.: .60) e a vogal bloqueando-o categoricamente e promovendo a

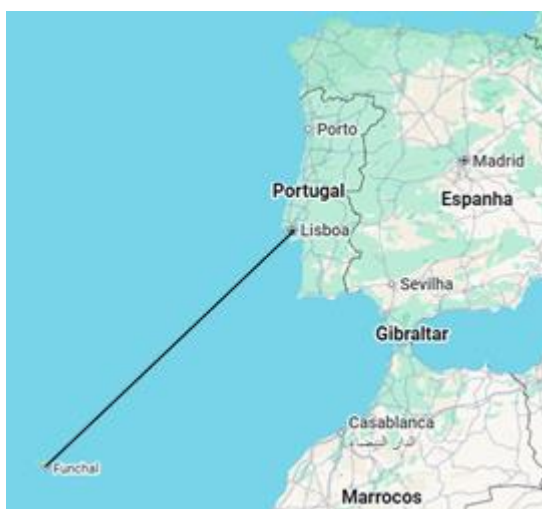
ressilabificação do segmento. Atua, ainda, a variável *contexto antecedente*, motivada por determinados itens lexicais frequentes no *corpus* que apresentam vogal médio-baixa (P. R.: .64). Brandão conclui que, nas três variedades, a regra de cancelamento é variável e se encontra em diferentes estágios de implementação, obedecendo a condições comuns, especialmente de natureza estrutural, em verbos e não verbos. Em síntese, no que se refere aos verbos, os percentuais são de 49% no PST, 23,8% no PM e 23,3% no PE; quanto aos não verbos, os percentuais são de 21,6% no PST, 21,6% no PM e 23% no PE. A variável *contexto subsequente* atuou nas três variedades, tanto nos verbos quanto nos não verbos, sendo a consoante a principal desencadeadora do cancelamento.

Esses estudos sobre o PE continental contribuem para a compreensão de semelhanças e diferenças em relação ao PE insular, concorrendo também para o estabelecimento de hipóteses acerca do comportamento da variável, uma vez que se trata, ao que tudo indica, de um estudo pioneiro no âmbito da variedade de Funchal.

3 A ÁREA DA PESQUISA

O arquipélago da Madeira localiza-se a sudoeste da costa portuguesa no Atlântico Norte, a aproximadamente de 980 km de Lisboa, onde se encontra Oeiras, na Região Metropolitana (Figura 1).

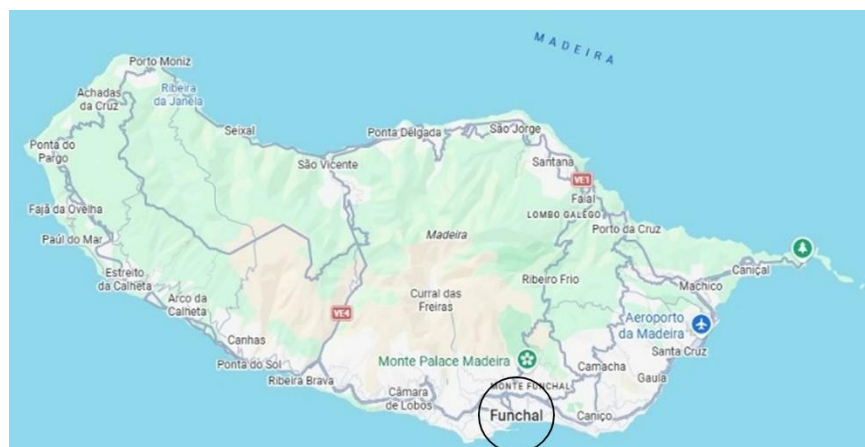
Figura 1 – Funchal em relação a Lisboa



Fonte: Adaptado do Google Maps (2026)

É composto por duas ilhas habitadas, Madeira e Porto Santo, por dois subarquipélagos, as ilhas Desertas e as ilhas Selvagens, além de um conjunto de ilhotas. Funchal, capital do arquipélago e recorte deste estudo, situa-se na costa sul da Ilha da Madeira (Figura 2).

Figura 2 – Ilha da Madeira, com a demarcação de Funchal



Fonte: Adaptado do Google Maps (2026)

A cidade constitui o maior centro turístico, comercial e cultural madeirense e conta atualmente com cerca de 112.000 habitantes, o que corresponde a aproximadamente metade dos 259.440 residentes na ilha. É a mais populosa fora do continente português e integra, a nível nacional, o grupo das sete cidades com população superior a 100.000 habitantes (Bazenga, 2019, p. 729).

3.1 ASPECTOS SOCIAIS

Do ponto de vista social, a sociedade madeirense pode ser compreendida como resultado de fluxos migratórios constantes. Nesse contexto, destaca-se a importância desse tipo de informação sócio-histórica para a análise linguística, como fator relevante para a compreensão das diferenças entre o PE continental e o da Madeira (Mota, 2022, p. 25). Essas diferenças não se restringem ao contraste entre as variedades continentais e a variedade insular, estendendo-se ao interior do próprio PE falado na Madeira, que se caracteriza por uma grande diversidade interna. Na variedade madeirense, coexistem diferentes dialetos, que podem ser classificados simultaneamente como conservadores e inovadores.

Trata-se de falares conservadores porque guardam traços fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais do português da época do povoamento da ilha, principalmente nas regiões mais isoladas. Contudo, os “dialectos madeirenses” apresentam também muitos traços inovadores, devido ao facto do Arquipélago da Madeira ser uma região que sofreu influência de diferentes culturas (Nunes, 1999, p. 81).

A singularidade do português falado na variedade do Funchal e, de modo mais amplo, na Madeira, deve-se a fatores de diversas naturezas, dentre os quais se destacam o povoamento e o contato linguístico. O Funchal era inabitado até a chegada dos portugueses no século XV. Os primeiros povoadores da ilha vieram de várias partes de Portugal continental, sobretudo de Entre Douro e Minho, ao norte, mas também do Algarve, ao sul, e de outras regiões. Em função dos ciclos econômicos associados ao cultivo da cana-de-açúcar e ao comércio de escravizados, somou-se a esses grupos a presença significativa de comerciantes europeus e de cerca de 2.000 escravizados, vindos da costa ocidental da África, principalmente do Norte, além de muitos guanches¹, das Canárias.

¹ Os guanches foram os povos indígenas de origem berbere do Norte da África que habitaram as Ilhas Canárias desde o primeiro milênio a.C. até a conquista espanhola no século XV.

Nos séculos seguintes, destacou-se ainda a presença inglesa e o comércio com a América do Norte, que resultaram na instalação de muitos comerciantes estrangeiros na cidade.

Assim, o Funchal configura uma situação de contacto linguístico intenso, na época da sua fundação e durante largo período, sendo muito provavelmente marcado por uma transmissão linguística irregular nessas fases iniciais. Esse facto está previsivelmente na origem de uma variedade diferenciada da continental (Mota, 2015, p. 25).

Como reflexo de um povoamento marcado por grande diversidade étnica e por diferentes tipos de contacto linguístico, não só com outras variedades do PE continental, mas também com falantes de outras línguas, o Funchal configura-se como um espaço multilíngue e multicultural. Em sua estrutura social, apresenta “[...] um contraste entre urbanidade, rural-urbanidade e cosmopolitismo, enquanto na sua periferia se observam aglomerados sociais com atividades agrícolas de subsistência” (Bazenga, 2019, p. 729-730). A cidade é marcada por um fluxo constante de turistas, o que confere ao setor um lugar predominante na economia da região.

Esse quadro social e histórico do Funchal e da Madeira permite compreender as diferenças entre o PE continental e o PE insular, tendo em vista que este desenvolveu traços linguísticos próprios. A sociedade madeirense, marcada por um povoamento aberto a diferentes culturas e por uma situação de contacto linguístico constante, decorrente das migrações e do turismo, reuniu condições favoráveis à inovação linguística, o que confere ao PE falado na Madeira um estatuto singular.

3.2 ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Do ponto de vista linguístico, a Ilha da Madeira apresenta “um conjunto de fenómenos próprios que não se encontram nos dialectos continentais” (Segura, 2003, p. 186). Destacam-se, entre os traços vocálicos, a ditongação das vogais altas acentuadas /i/ em [ej] ou [ij], a exemplo de *navio* [nɐv'ɛju] ou [nɐv'iju], e /u/ em [ɐw], a exemplo de *lua* [l'ɐwɐ], bem como a criação condicionada de ditongos crescentes. Quanto aos traços consonânticos, ressaltam-se a palatalização do /l/ quando precedido de [i] ou [j], isto é, a sua realização como [ʎ], a exemplo de *aquilo* [ɐk'iʎu]; a vocalização ou semivocalização de -s final em [i] ou [j], quando seguido de consoante sonora ou de fricativa surda, a exemplo de *as vacas* [ɐj v'akɐj] (Segura, 2003, p. 187).

Para além das diferenças em relação às variedades continentais, o PE falado na Madeira caracteriza-se por significativa diversidade interna, não existindo uma unidade linguística, razão pela qual se insiste no plural “dialetos madeirenses”. Há “[...] um complexo conjunto de dialectos de um modo ou de outro distintos e por vezes muito divergentes entre si” (Cintra, 2008 [1990], p. 99). Observam-se traços fonéticos gerais, comuns a quase toda a ilha, e traços específicos, restritos a determinadas áreas ou variedades locais. Entre os traços gerais, a palatalização do /l/ quando precedido de [i] ou [j] é considerada típica do madeirense, sendo possivelmente o único fenómeno que caracteriza todos os falares da Ilha da Madeira (Cintra, 2008 [1990], p. 100-101).

Classificados simultaneamente como conservadores e inovadores (Nunes, 1999, p. 81), os dialetos madeirenses apresentam uma mistura de traços característicos dos dialetos continentais. Diante disso, Cintra (2008 [1990], p. 104) observa:

[...] que não parece certo afirmar sem hesitação que o grupo de dialectos madeirenses (como, aliás, os açorianos) pertencem ao grupo dos dialectos meridionais do continente, como também será inexacto associá-los sem reservas ao grupo dos setentrionais. Misturam-se neles características próprias de ambos os grupos, o que obriga a situá-los num grupo à parte – «insular». Dentro desse grupo os dialectos madeirenses isolam-se dos restantes devido à existência [...] de fenómenos raros, ausentes dos dialectos das outras ilhas, do continente e por vezes até – podemos acrescentar – do resto daquilo a que chamamos România².

No que se refere especificamente ao português falado no Funchal, Andrade (1993, p. 17) afirma que este “[...] apresenta para qualquer locutor de qualquer variedade continental um conjunto de características que o identificam inequivocamente”. Os traços fonéticos mais característicos apontados pelo autor são a palatalização do /l/ por influência de [i] ou [j], a ditongação de /i/ ou /u/ tônicos, o desaparecimento de /i/s átonos, a monotongação do ditongo *-ões* e a anteriorização da vogal nasal do ditongo *-ão*.

Esse breve panorama do PE falado na Madeira e da variedade do Funchal evidencia a sua singularidade e complexidade, abrindo espaço para a investigação de outros fenómenos linguísticos, como o cancelamento do rótico em contexto de coda silábica externa abordado neste estudo.

² România é o termo empregado para designar o conjunto de territórios historicamente latinizados em virtude das conquistas romanas, nos quais se falam línguas derivadas do latim.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), e nos estudos da Sociolinguística Variacionista desenvolvidos por Labov (2006 [1972], 1994, 2001). Conforme destaca Tagliamonte (2006):

A essência da sociolinguística variacionista depende de três fatos sobre a língua que muitas vezes são ignorados na linguística. Primeiro, a noção de “heterogeneidade ordenada” (Weinreich *et al.*, 1968, p. 100), ou o que Labov (1982, p. 17) chama de heterogeneidade “normal”; segundo, o fato de que a língua muda perpetuamente; e terceiro, que a língua transmite mais do que apenas o significado de suas palavras. Ela também comunica abundante informação não linguística (p. 5-6, tradução própria)³.

Com base na relação entre língua e sociedade, essa vertente teórica entende a língua como um sistema heterogêneo ordenado. A *variação*, inerente às línguas, não é caótica nem aleatória, mas sistemática, controlada e condicionada por fatores linguísticos e/ou sociais. Nesse sentido, a língua é composta tanto por *regras categóricas*, que são obrigatórias e invariáveis, quanto por *regras variáveis*, que relacionam duas ou mais formas linguísticas, sendo a ocorrência de uma ou outra forma determinada pela aplicação ou não da regra, condicionada por esses fatores (Coelho et al., 2010, p. 24).

Como observam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), nem toda variação implica *mudança* linguística, mas toda mudança implica variação. Assim, duas ou mais *variantes* (formas linguísticas), isto é, meios de dizer a mesma coisa com a mesma informação referencial (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 96), podem encontrar-se em *variação estável*, convivendo por longos períodos sem que uma substitua a outra ou configurar uma *mudança em curso* (ou *em progresso*), ainda não totalmente efetivada.

Destacam-se, aqui, três tipos de variação linguística: a variação geográfica ou diatópica, a variação social ou diastrática e a variação estilística ou diafásica. A variação geográfica ou diatópica associa-se às marcas linguísticas, como, por exemplo, itens lexicais e pronúncia, que caracterizam diferentes regiões (bairros, cidades, estados, regiões e países) e permitem identificar a origem do falante. A variação social ou diastrática refere-se às características

³ “The essence of variationist sociolinguistics depends on three facts about language that are often ignored in the field of linguistics. First, the notion of ‘orderly heterogeneity’ (Weinreich et al. 1968: 100), or what Labov (1982: 17) refers to as ‘normal’ heterogeneity; second, the fact that language changes perpetually; and third, that language conveys more than simply the meaning of its words. It also communicates abundant non-linguistic information”.

sociais dos falantes, relacionadas ao grau de escolaridade, nível socioeconômico, sexo/gênero e faixa etária. A variação estilística ou diafásica manifesta-se na adequação da fala aos diferentes contextos de comunicação, com mais ou menos graus de formalidade (Coelho et al., 2010, p. 76-83).

A variação pode levar à mudança linguística. Para identificar se há uma mudança em curso (ou em progresso) em uma *comunidade de fala*, definida como “[...] um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (Labov, 2008 [1972], p. 188), pode ser realizado um estudo em *tempo real* ou em *tempo aparente*. O estudo em tempo real estabelece uma linha do tempo, comparando a fala dos mesmos indivíduos (tipo *painel*) ou da mesma comunidade (tipo *tendência*), com o objetivo de reconhecer estabilidades ou mudanças em diferentes períodos de tempo (Coelho et al., 2010, p. 128). Já o estudo em tempo aparente simula uma mudança no tempo, comparando a fala de gerações diferentes em um mesmo espaço de tempo (Coelho et al., 2010, p. 80).

No estudo da mudança, uma pesquisa sociolinguística deve considerar a descrição de dados empíricos e responder a cinco problemas estabelecidos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]):

- 1) o *problema da restrição*, que consiste em determinar o conjunto de mudanças possíveis, bem como as condições possíveis para a mudança, isto é, os fatores condicionantes linguísticos e extralinguísticos;
- 2) o *problema da transição*, que envolve identificar o percurso de uma mudança linguística e o maior número de estágios intermediários entre um estágio e outro, visto que “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 122);
- 3) o *problema do encaixamento*, que trata de como as mudanças linguísticas devem ser observadas como encaixadas no sistema linguístico, tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social, assim como nas correlações entre os elementos linguísticos e entre estes e os elementos extralinguísticos;
- 4) o *problema da avaliação*, que busca compreender a relação entre a avaliação dos falantes, positiva ou negativa, e a variação. Essa avaliação pode ser linguística, quanto à eficácia comunicativa, ou social, marcada pelo prestígio ou pela estigmatização de certas formas;

- 5) o *problema da implementação*, que visa a explicar como a mudança se implementa, os fatores que a influenciam e por que a mudança ocorre em determinado tempo e lugar e não em outros.

Por fim, discute-se o significado social das variantes. As variantes não apenas transmitem informações linguísticas, mas também informações extralinguísticas sobre o falante, como sua origem, idade e inserção em certos grupos sociais. Além disso, há o valor atribuído a uma camada da sociedade que usa certas variantes e não outras. Julgam-se erroneamente algumas formas como “corretas”, às quais se atribui prestígio, ou como “erradas”, às quais se atribui estigma, manifestando o preconceito linguístico e social. Durante o processo de mudança, a variante adquire significado social, podendo receber avaliação positiva ou negativa, o que pode acelerar ou reter uma mudança linguística.

Apresentados os princípios teóricos que orientam esta pesquisa, a próxima seção descreve os procedimentos metodológicos adotados na análise.

5 METODOLOGIA

Com o objetivo de identificar os fatores linguísticos e sociais que presidem ao cancelamento do rótico em coda silábica externa em Funchal, realizou-se uma análise quantitativa dos dados com apoio no programa estatístico GoldVarb-X.

5.1 CORPUS

A amostra deste estudo é composta por 18 entrevistas pertencentes ao *Corpus* Concordância, integrante do *Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*, realizadas entre 2009 e 2010, disponíveis em <https://corporaport.lettras.ufrj.br/>. As entrevistas seguem o formato Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e abordam diferentes temas, como condições de vida na ilha, profissão, trajetória educacional e histórias de vida, além de viagens, opiniões e percepções sobre a língua.

Na seleção dos dados, foram considerados 30 minutos de cada entrevista, após os cinco minutos iniciais. Excluíram-se ocorrências da preposição *por* e expressões como *quer dizer* e *se calhar*, apontadas como recorrentes e propensas ao cancelamento do rótico. Os dados foram organizados em duas amostras, verbos e não verbos, em razão da diferença de comportamento, o que permite maior precisão na análise.

5.2 VARIÁVEIS CONTROLADAS

5.2.1 Variável dependente

Neste estudo, estabelece-se o cancelamento do rótico em contexto de coda silábica externa como variável dependente, com duas variantes: o cancelamento do R e a concretização, realizada por meio do tepe, como ilustrado no Quadro 1.

Quadro 1 – Variável dependente: cancelamento de R em coda silábica externa em Funchal

Variante	Exemplo ⁴
----------	----------------------

⁴ Os exemplos apresentados são acompanhados por siglas que identificam os informantes: FNC = Funchal; A, B,

Cancelamento	tava a falaØ das estradas (FNC C1m)
Concretização	tive de deixaR a escola (FNC A1h)

Fonte: elaboração própria

5.2.2 Variáveis independentes

Para a análise, consideraram-se as mesmas variáveis independentes dos estudos anteriormente realizados sobre o PE (Brandão, 2022; Santos, 2024, respectivamente em Cacém e Oeiras), três sociais e sete estruturais, buscando assegurar a comparação dos resultados.

5.2.2.1 Sociais

Os informantes foram distribuídos pelas variáveis sociais: sexo, faixa etária e nível de escolaridade, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Variáveis sociais controladas na análise do cancelamento de R em Funchal

Faixa etária	18-35 anos (mais jovens)
	36-55 anos (intermediária)
	mais de 56 anos (mais velhos)
Nível de escolaridade	Fundamental (6º ao 8ºano)
	Médio (9º ao 11º ano)
	Superior (12 anos ou mais)
Sexo	Homem
	Mulher

Fonte: elaboração própria

5.2.2.2 Estruturais

Além das variáveis sociais, foram controladas sete variáveis estruturais: modo e ponto de articulação da consoante subsequente, segmento subsequente, contexto antecedente (vogal), tonicidade da sílaba em que incide o R, número de sílabas e a classe do vocábulo (Quadro 3).

C = faixa etária, respectivamente, 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos; 1, 2, 3 = nível de escolaridade, respectivamente, fundamental, médio e superior; m, h = sexo, respectivamente, mulher e homem.

Quadro 3 – Variáveis estruturais controladas na análise do cancelamento de R em Funchal

Modo de articulação da consoante subsequente	Exemplo
Oclusiva	antes de iØ para lá já conhecia (FNC A3h)
Fricativa	minha mãe começou a trabalhaØ fora (FNC B1m)
Lateral	não gosto do comeØ lá (FNC C2m)
Nasal	no almoço de domingo a pensaØ no que vou dizer (FNC B3h)
Ponto de articulação da consoante subsequente	Exemplo
Labial	devia gastaØ menos dinheiro (FNC A1h)
Alveolar	um colégio onde apesaØ de haver crianças (FNC C3m)
Pós-alveolar	comecei abanaØ já a cabeça (FNC C1m)
Palatal	Não foram encontrados dados no <i>corpus</i> .
Velar	é uma questão de fazeØ contas (FNC B3h)
Segmento subsequente	Exemplo
Vogal	uns iam tiraØ o leite às vacas (FNC C1m)
Consoante	teríamos de cantaØ sozinhos (FNC A3h)
Pausa	eu tinha que ir aprendeØ (FNC B2m)
Contexto antecedente (vogal)	Exemplo
[i]	dançar ouviØ música (FNC A1m)
[e]	temos que sabeØ viver (FNC C2m)
[ɛ]	pode afetar qualqueØ pessoa (FNC A3m)
[a]	vou-me lembraØ para sempre (FNC B2h)
[ɔ]	passam lá a maioØ parte do tempo (FNC C2h)
[o]	apesar do festival e do valoØ que os prémios têm (FNC A3h)
[u]	Não foram encontrados dados no <i>corpus</i> .
Tonicidade da sílaba	Exemplo
Tônica	começava a contaØ histórias (FNC B1m)
Postônica	é futebol e esnuqueR mas é mais futebol (FNC A2h)
Número de sílabas	Exemplo
Uma sílaba	pra daØ uma volta (FNC A2h)

Duas sílabas	eu vendeØ fruta (FNC C1h)
Três sílabas	tem que estudaØ mais (FNC A3m)
Quatro ou mais sílabas	sempre quis realizaØ foi as minhas viagens (FNC A1h)
Classe do vocábulo	Exemplo
Nome	mas tem um lugaØ negativo (FNC C1m)
Verbo no infinitivo	depois comecei a leØ de tudo (FNC B3h)
Outras formas verbais	só se foØ da vontade dele (FNC A3h)
Outras classes	ninguém é melhoØ que ninguém (FNC C2m)

Fonte: elaboração própria

6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 RESULTADOS GERAIS

Contabilizou-se um total de 1039 dados, com índices de 40,3% de cancelamento em verbos e 27,2% em não verbos, conforme indicado na Tabela 1.

Tabela 1 – Índices de cancelamento de R em verbos e não verbos em Funchal

	Variante	Apl/Oco	%
Verbos	Cancelamento	368/914	40,3%
	Concretização	546/914	59,7%
Não verbos	Cancelamento	34/125	27,2%
	Concretização	91/125	72,8%

Fonte: elaboração própria

Verifica-se maior incidência de cancelamento entre os verbos (40,3%) do que entre os não verbos (27,2%), o que vai ao encontro de diversos estudos que tiveram como foco variedades brasileiras, europeias e africanas do Português (cf. referências, ao final).

Antes da apresentação dos resultados, deve-se observar que na análise tanto de verbos (item 6.2) quanto de não verbos (item 6.3) foi necessário desconsiderar algumas variáveis e/ ou realizar junções entre fatores para se chegar à melhor rodada. Entre os verbos, por exemplo, foi necessário, reduzir de quatro para dois os fatores da variável *número de sílabas*: uma/duas sílabas contra três/quatro sílabas. Entre os não verbos, em virtude do pequeno número de dados, a variável *ponto de articulação da consoante subsequente*, que contava com cinco fatores, teve de ser reduzida a dois: [- coronais], juntando-se labiais e velares e [+ coronais], reunindo-se alveolares e pós-alveolares, devendo-se acrescentar, ainda, que não houve dados com palatais.

6.2 CANCELAMENTO DE R EM VERBOS

No âmbito dos verbos, foram selecionadas duas variáveis estruturais como atuantes no cancelamento: o *segmento subsequente* e o *número de sílabas* do vocábulo (Tabela 2).

Tabela 2 – Atuação das variáveis *Segmento subsequente* e *Número de sílabas* para o cancelamento de R em verbos em Funchal

Segmento subsequente	Apl/Oco	%	P.R.
Vogal	73/457	16	.242
Consoante	282/416	67,8	.781
Pausa	13/41	31,7	.450
Número de sílabas	Apl/Oco	%	P.R.
Uma ou duas sílabas	309/720	42,9	.532
Três ou mais sílabas	59/194	30,4	.382
<i>Input: .370</i>			Significância: 0.004

Fonte: elaboração própria

Em relação à variável *segmento subsequente*, observa-se que a presença de consoante constitui o principal desencadeador do cancelamento (P. R.: .781). Mateus e Rodrigues (2003) apontam as consoantes, sobretudo as oclusivas, como o segmento mais propício a desencadear o processo, o que vai ao encontro dos resultados obtidos no presente estudo, no qual as consoantes oclusivas apresentam índice de cancelamento de 71,5%.

Quanto à variável *número de sílabas* do vocábulo, o cancelamento mostra-se mais produtivo nos monossílabos e dissílabos (P. R.: .532).

6.3 CANCELAMENTO DE R EM NÃO VERBOS

No que se refere aos não verbos, foram selecionadas duas variáveis estruturais como atuantes no cancelamento: a *classe do vocábulo* e o *ponto de articulação da consoante subsequente* (Tabela 3).

Tabela 3 – Atuação das variáveis *Classe do vocábulo* e *Ponto de articulação da consoante subsequente* para o cancelamento de R em não verbos em Funchal

Classe do vocábulo	Apl/Oco	%	P.R.
Nomes	3/59	5,1	.215
Outras classes	31/66	47	.761
Ponto de articulação da consoante subsequente	Apl/Oco	%	P.R.

[- coronais]	24/42	57,1	.629
[+ coronais]	9/38	23,7	.358
<i>Input</i> :.282			Significância: 0.000

Fonte: elaboração própria

Na variável *classe do vocábulo*, o fator outras classes (P. R.: .761) destacou-se como o mais saliente para o cancelamento. Observa-se a ocorrência de determinados itens lexicais muito frequentes no *corpus*, apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 – Não verbos: Itens lexicais mais frequentes (fator *outras classes*)

Item lexical	Cancelamento	
	Apl./Oco	%
Apesar [de]	3/8	37,5
Maior	7/11	66,6
Melhor	6/25	24
Pior	0/4	0
Qualquer	13/15	86,6
Sequer	2/3	66,6
	31/66 = 47%	

Fonte: elaboração própria

Verifica-se que os maiores índices de cancelamento ocorrem em *qualquer* e *maior*, enquanto, em *pior*, a concretização foi categórica. Esse quadro sugere a atuação de condicionamento lexical no cancelamento de R, como indicado por Brandão (2022).

Quanto à variável *ponto de articulação da consoante subsequente*, são as consoantes [-coronais] (P. R.: .629) – as oclusivas [p b k g] e a nasal [m] –, que favorecem a aplicação da regra.

6.4 RESSILABIFICAÇÃO DO R

De forma complementar, foram observadas, tanto em verbos quanto em não verbos, 22 ocorrências de abertura de sílaba, com inserção de [i] ou [e] (paragoge), formando a sílaba canônica CV pela ressilabificação de [r] em ataque. Essas ocorrências, não consideradas na

análise quantitativa, deram-se predominantemente na fala de informantes do sexo feminino da faixa etária mais velha. Os dados com ressilabificação encontram-se nos Quadros 4 e 5.

Quadro 4 – Ocorrências de abertura de sílaba por inserção de vogal paragógica [i] em Funchal

[r] + [i] paragógico
1. lugar fresco pa aguenta[ri] dois três dias (FNC C1m)
2. cá fartura de come[ri], embora há muita gente (FNC C1m)
3. tamém iam dormi[ri], e agora (FNC C1m)
4. eu na queria i[ri]... eh disse nunca mais (FNC C2m)
5. pa ter uma vida melho[ri] (FNC A1m)
6. gostam de vestir melho[ri] do [...] (FNC C1m)
7. hoje em dia é melho[ri] temos mais qualidades (FNC C1m)
8. dominar a língua portuguesa melho[ri] ehh e que era [...] (FNC B2m)

Fonte: elaboração própria

Quadro 5 – Ocorrências de abertura de sílaba por inserção de vogal paragógica [e] em Funchal

[r] + [e] paragógico
1. eu por anda[re] eh eh me vestissem à rapaz (FNC C3m)
2. na agora de bebe[re] beber eles batem o recorde (FNC C2m)
3. eu mandei dize[re] co meu pai [...] (FNC B1m)
4. não quero fica[re] assim (FNC B2m)
5. quando era pequena para i[re] ao Porto Moniz (FNC B3m)
6. não gosto muito de le[re] mas acho que [...] (FNC B2m)
7. quer manda[rem] um (FNC C1m)
8. tentar mante[re] e tentar apoiar (FNC A3m)
9. gostam de vestir melho[re] gostam [...] (FNC C1m)
10. dinheiro para pode[re] ehh visitar (FNC B2m)
11. acabei por ta[re] cerca de 4 horas (FNC B1h)
12. nã te[re] contado alguma história (FNC C3m)
13. no meu ve[re] eu ache (FNC C1m)
14. fez volta[re] foi por ra razões familiares (FNC B2m)

Fonte: elaboração própria

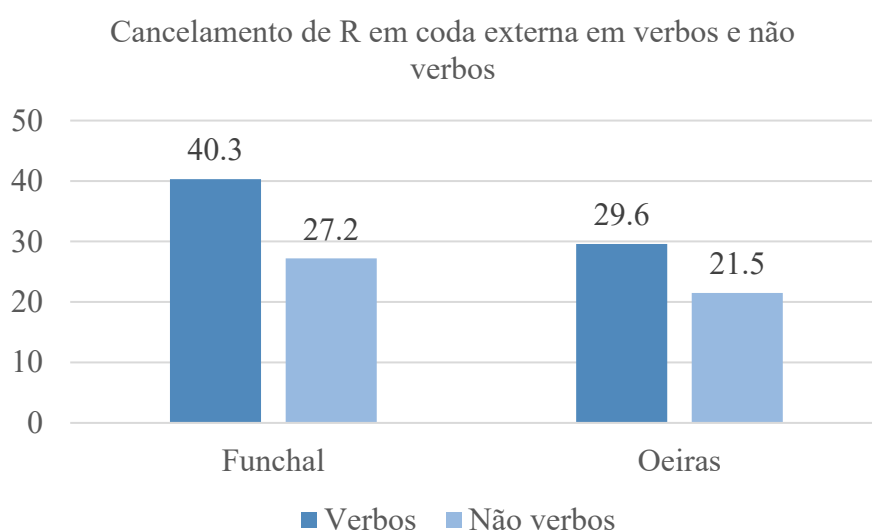
7 BREVE ANÁLISE COMPARATIVA

Nesta seção, apresenta-se uma breve análise comparativa dos resultados obtidos em Funchal com os que se obtiveram em Oeiras (Santos, 2024). Como os dados de Oeiras levaram em conta as mesmas variáveis sociais e estruturais utilizadas em Funchal, torna-se possível verificar a hipótese de que a frequência de cancelamento de R na variedade insular seria mais expressiva do que na variedade continental, em virtude das diferenças sócio-econômico-culturais entre as duas comunidades.

Oeiras, localizada na Região Metropolitana de Lisboa, possui o maior índice de desenvolvimento humano de Portugal, sendo apontada como uma das áreas mais ricas da Península Ibérica e da Europa. Destaca-se, ainda, pelo rendimento per capita mais elevado do país e pela maior concentração de população com nível superior de instrução. Por sua vez, Funchal, caracterizado por sua condição de insularidade, apresenta um estatuto singular do ponto de vista linguístico e sócio-histórico (cf. seção 3), o que fundamenta a hipótese aqui adotada.

Na Figura 3, indicam-se os índices percentuais de cancelamento em verbos e não verbos nas comunidades em análise. Os resultados confirmam a hipótese de que a regra de cancelamento se encontra ligeiramente mais avançada na ilha do que no continente, tanto em verbos quanto em não verbos.

Figura 3 – Índices percentuais de cancelamento de R em coda externa em verbos e não verbos (Funchal e Oeiras)



Fonte: Funchal: elaboração própria; Oeiras: Santos (2024), com adaptações

No Quadro 6, compararam-se as variáveis selecionadas e os fatores condicionantes do cancelamento em Funchal e Oeiras. Quanto ao *input* da regra, há maior probabilidade de cancelamento em verbos do que em não verbos, comportamento também observado em outras variedades do PE, do PB e de variedades africanas.

Quadro 6 – Fatores que condicionam o cancelamento de R em verbos e não verbos (Funchal e Oeiras)

Comunidade	Verbos		Não verbos	
	Variáveis selecionadas	Fatores condicionantes	Variáveis selecionadas	Fatores condicionantes
Funchal Verbos <i>Input: .37</i> Não verbos <i>Input: .28</i>	<u>Contexto subsequente</u>	Consoante P.R. .781	Classe do vocábulo	Outras classes P.R. .761
	Número de sílabas	Uma ou duas P.R. .532	Ponto de articulação da consoante subsequente	[- coronal] P.R. .629
Oeiras Verbos <i>Input: .25</i> Não verbos <i>Input: .17</i>	<u>Contexto subsequente</u>	Consoante P.R. .713	Contexto subsequente	Consoante P.R. .681
	Escolaridade	Fundamental P.R. .544 Superior P.R. .538	Contexto antecedente	Vogal [+ anterior] P.R. .690
			Sexo	Feminino P.R. .651

Fonte: Funchal: elaboração própria; Oeiras: Santos (2024), com adaptações

Ressalta-se a seleção da variável *contexto subsequente* em verbos nas duas comunidades e, no âmbito dos não verbos, apenas em Oeiras, comprovando ser a consoante o fator mais relevante para o cancelamento de R. Ainda que essa variável não tenha sido selecionada em Funchal em não verbos, a seleção da variável *ponto de articulação da consoante subsequente* reforça a importância da consoante para a implementação da regra. Esse padrão também é verificado em outras variedades. Diferentemente de Funchal, em que se observam

apenas variáveis estruturais, em Oeiras há também a atuação de variáveis sociais em ambas as amostras.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, que focalizou o cancelamento do rótico em coda silábica externa na variedade do Português falada em Funchal, buscou-se analisar os fatores linguísticos e sociais que condicionam o cancelamento desse segmento em verbos e não verbos e comparar os resultados aos obtidos em Oeiras, na Região Metropolitana de Lisboa.

Para tanto, foram comentados alguns dos poucos estudos que abordam o cancelamento de R em coda silábica externa no PE, seguidos de um panorama dos aspectos linguísticos e sociais da área de pesquisa, os quais conferem à variedade um estatuto singular. Apresentaram-se, ainda, os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança e da Sociolinguística Variacionista, bem como a metodologia empregada, incluindo o *corpus* utilizado e as variáveis sociais e estruturais controladas.

As análises demonstram que a frequência de cancelamento em Funchal (verbos: 40,3%; não verbos: 27,2%) é mais expressiva do que a observada em Oeiras (verbos: 29,6%; não verbos: 21,5%), tanto em verbos quanto em não verbos, o que confirma as hipóteses inicialmente formuladas. Verifica-se que, na variedade insular, o cancelamento é condicionado exclusivamente por variáveis estruturais, enquanto na variedade continental atuam fatores de natureza estrutural e social em ambas as amostras.

O cancelamento predomina entre os verbos (*input* .37), tendo como principal desencadeador a presença de consoante no contexto subsequente (P. R.: .781), sendo mais produtivo em vocábulos de uma ou duas sílabas. A consoante, como segmento mais propício a desencadear a regra, vai ao encontro dos resultados obtidos nas demais variedades europeias, brasileiras e africanas do Português analisadas no projeto.

Quanto aos não verbos (*input* .28), destaca-se o fator *outras classes* (P. R.: .761), que agrupa itens de diferentes classes gramaticais, como advérbios, conectores, pronomes e vocábulos como *pior*, *melhor*, *maior* e *menor*, sendo o mais saliente para o cancelamento. Observa-se, ainda, que as consoantes [- coronais] subsequentes favorecem a aplicação da regra. A ocorrência de determinados itens lexicais muito frequentes no *corpus* sugere a atuação de condicionamento lexical no cancelamento de R, conforme apontado por estudos anteriores.

Complementarmente, embora não consideradas na análise quantitativa, registraram-se 22 ocorrências de abertura de sílaba por inserção de vogal paragógica [e] (14 ocorrências) ou [i] (8 ocorrências), mais frequentes entre indivíduos mais velhos e menos escolarizados, o que pode ser associado a marcas da fala rural.

Em síntese, os resultados obtidos em Funchal corroboram o que Rodrigues (2012, p. 144) afirma sobre o PE: a realização mais frequente é sempre a de R como tepe, o cancelamento ocorre em contextos específicos e a ressilabificação com a vogal paragógica ocorre menos vezes.

Este estudo, ao que tudo indica, pioneiro no âmbito da variedade insular, pode contribuir para futuros estudos sociolinguísticos sobre as variedades madeirenses e outras variedades continentais ainda pouco exploradas, além de evidenciar as convergências e divergências entre o PE insular e o continental.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ernesto d'. Algumas particularidades do português falado no Funchal. In: **Actas do 9.º Encontro Nacional da APL**. Lisboa: APL, 1993. p. 17-30.
- BAZENGA, Aline. Aspetos da sintaxe do português popular falado no Funchal. **Arquivo Histórico da Madeira**, Nova Série, n. 1, p. 727-758, 2019.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Sobre o apagamento de R em coda final em variedades urbanas do português. **Cuadernos de la ALFAL**, v. especial, p. 203-224, ago. 2022.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia; CUNHA, Cláudia de Souza. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (org.). **Análise contrastiva de variedades do Português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 163-180.
- CINTRA, Luís Lindley. Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses. In: FRANCO, José Eduardo (coord.). **Cultura Madeirense**. Temas e Problemas. Porto: Campo das Letras, 2008 [1990]. p. 95-104.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria Nunes de; MAY, Guilherme Henrique (orgs.). **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. v. 1.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. v. 2.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LINDAU, Mona. The story of /r/. In: FROMKIN, Victoria A. (org.). **Phonetic linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged**. Orlando: Academic Press, 1985. p. 157-168.
- MATEUS, Maria Helena Mira; RODRIGUES, Celeste. A vibrante em coda em Português Europeu. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela (org.). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2003. p. 181-199.

MOTA, Maria Antónia. Para uma tipologia da concordância sujeito-verbo, em português falado: contributos do português de Luanda e de Cabo Verde. **Cuadernos de la ALFAL**, n. 7, p. 17-35, mar. 2015.

MOTA, Maria Antónia. Construindo conhecimento sobre variedades do português: dados e questionamentos. **Cuadernos de la ALFAL**, v. especial, p. 15-62, 2022.

NUNES, Naidea Nunes. Os “dialectos madeirenses” e a história da língua portuguesa. In: **Livro de comunicações do Colóquio Cultura de periferias Insularidades**. Funchal: Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal, 1999. p. 81-89.

RODRIGUES, Maria Celeste. **Lisboa e Braga: fonologia e variação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

RODRIGUES, Maria Celeste. Todas as codas são frágeis em português europeu? **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 138-149, 2012.

SANTOS, Aline Ferreira dos. R em coda silábica externa na fala de Oeiras, na região metropolitana de Lisboa. Pôster virtual apresentado à XLV Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2024.

SEGURA, Luísa. Variação dialectal no território português: conexões com o português do Brasil. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (orgs.). **Análise contrastiva de variedades do Português: primeiros estudos**. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 181-196.

SERRA, Carolina; CALLOU, Dinah. Prosodic structure, proeminence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: DOMINICIS, Amedeo De (ed.). **pSprominences: Prominences in linguistics. Proceedings of the international conference**. Viterbo: DISUCOM PRESS, 2015. p. 96-113.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing sociolinguistic variation: Key Topics in Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

VELOSO, João. The english R coming! The never ending story of Portuguese rhotics. **Oslo Studies in Language**, Oslo, v. 7, n. 1, p. 323-336, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov (eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].